

## Murilo Mendes e um poema do avesso em *História do Brasil*

Valmir de Souza

Murilo Mendes teve seus primeiros livros de poesia publicados nos anos 1930: *Poemas* (1930) e *História do Brasil* (1932). A publicação desta última obra, ainda que depois da década de 1920, insere o poeta no contexto do primeiro momento modernista.

Pontuamos aqui sua tradução poética da história, pelo modo como articula tanto questões externas (voltadas para o passado), como questões de forma com grande audácia. Sua interpretação do passado é feita por contraste, fazendo perceber um outro movimento da história, mais denso e problemático, construindo outras significações aos *acontecimentos fortes*.

Na leveza de *História do Brasil* se percebe uma tomada de posição bastante clara na perspectiva adotada, desvelando o que se oculta ao longo da história. A poesia, assim, produz uma visão de mundo contra o estabelecido pela história oficial.

Veremos um poema satírico, “Pescaria”, que trata de Dom Pedro I e do famoso “Grito do Ipiranga”. Nesse caso, abordaremos as relações do poema com a pintura de Pedro Américo sobre a Independência, fazendo também referência ao “Hino Nacional”, bem como ao “Hino da Independência”.

### A PESCARIA

Foi nas margens do Ipiranga,  
Em meio a uma pescaria.  
Sentindo-se mal, D. Pedro  
- Comera demais cuscuz –  
desaperta a barrigüilha  
E grita, roxo de raiva:  
“Ou me livro d’esta cólica  
Ou morro d’ua vez!”  
O príncipe se aliviou,  
Sai no caminho cantando:  
“Já me sinto independente.  
Safa! vi perto a morte!  
Vamos cair no fadinho  
Pra celebrar o sucesso.”  
A Tuna de Coimbra surge  
Com as guitarras afiadas,  
Mas as mulatas dengosas  
Do Club Flor do Abacate

Entram, firmes, no maxixe,  
Abafam o fado com a voz,  
Levantam, sorrindo, as pernas...  
E a colônia brasileira  
Toma a direção da farra.  
(Mendes, 1994: 164-165)

O poema acima retoma o episódio bastante conhecido pela historiografia, fazendo uma reinterpretação política do gesto imperial inculcado pelos programas educacionais através de seus manuais de história “pátria”. Faz-se aí um contraponto às várias formas de representação simbólica da história brasileira, entre elas a famosa tela *Independência ou Morte!*, de Pedro Américo, bem como o Hino Nacional, que são produções mais ou menos referenciais, aceitas e até certo ponto reverenciadas por estudiosos e professores.

Passemos, então, a uma breve comparação entre as duas produções artísticas.

A tela de Pedro Américo<sup>1</sup>, pintada em Florença, na Itália, no período de 1886 a 1888, foi encomendada pelo governo de São Paulo para comemorar a Independência do Brasil, e se oferece como registro de um evento histórico que marcou a trajetória do império brasileiro (Oliveira, 2002: 66). Em 1888, essa produção fez parte do rol de comemorações que vinham sendo engendradas durante o Império.

Essa imagem do artista paulista calou fundo no imaginário popular e também nas visões de intelectuais mais tradicionais do país, constituindo-se como parte integrante do patrimônio cultural nacional e, como monumento público, jogou papel importante na configuração de uma determinada visão da história do Brasil.

A imagem construída pelo artista traz equívocos históricos reconhecidos pelo próprio Pedro Américo que, no texto “O Brado do Ipiranga ou a Proclamação da Independência do Brasil”, afirma que não foram colocados na tela elementos e dados que poderiam comprometer a imagem do Imperador. Para dar a impressão de veracidade, o pintor realiza uma *compactação* imagética da história, reforçando o realismo histórico através dos detalhes.

Além da pintura, o poeta cita outras produções simbólicas como, por exemplo, o Hino Nacional, significativo como elemento cultuado da história nacional.

O que acontece no poema? Qual é a visão que enforma o texto poético? A começar pelo título, vemos que o ato heroico do Imperador é deslocado para o mundo mezinha da “pescaria”, prática das mais corriqueira. No poema, observa-se um rebaixamento do episódio consagrado pela concepção imperial, e “humaniza” a figura do Imperador.

---

<sup>1</sup> A tela pertence ao acervo do Museu Paulista.

Na versão do poema, o “grito” teria sido dado por um desarranjo intestinal causado por um tipo de comida, situando a história imperial no nível mais baixo, isto é, o nível “excremental”. Aliás, o próprio Pedro Américo registra relato que afirma que D. Pedro realmente tivera um “incômodo gástrico” (In: Oliveira, 1999: 11-31), o que coloca o texto literário mais de acordo com os fatos do que a pintura.

O poeta desenvolve uma divisão binária do texto. Na primeira parte expõe o ato heróico do príncipe e seu ridículo, já na segunda mostra a contraposição no campo da cultura, já demonstrado acima.

Nos versos finais do poema (“E a colônia brasileira/ Toma a direção da farra”) faz-se uma inversão do que fora anunciado no começo de forma grandiosa (“Foi nas margens do Ipiranga”), sugerindo que o ato inicial se transforma numa “farra”, indício de festa, mas também de descompromisso das classes dirigentes em relação aos destinos do país. Nesse sentido, para o poeta, essa Independência não pode ser levada a sério.

No poema concretiza-se, assim, a luta simbólica contra o “mito de origem” presente no quadro e no hino que utilizam a informação histórica para montar um cenário heroico da nação.

Assim, o texto literário propõe novas visões sobre os acontecimentos brasileiros, pois a literatura pode ser um tipo de criatividade histórica contra o esquecimento cultural que vemos nas representações oficiais.

Podemos afirmar com Nicolau Sevcenko (2003: 29), que a ética da criação literária traria em seu interior mais o intuito de transformação do que a permanência do *status quo*. E por estar na ordem do desejável, essa criação estaria mais voltada para o devir do que para o estado atual das coisas.

O olhar sobre a história pode ser reflexivo sem deixar de ser divertido, lembrando que o trabalho com textos poéticos pode propor uma visão mais lúdica e crítica da história. Murilo Mendes, inconformista, propõe uma dessacralização dos “grandes eventos” através de uma prática de desconstrução do passado de modo dinâmico.

-----  
Este texto faz parte do artigo "História e literatura: uma relação de amor e ode em História do Brasil de Murilo Mendes", publicado na Revista Estudos Históricos (Rio de Janeiro). v.21, p.45 - 58, 2008. Dossiê Ensino de História e Historiografia.

#### Referências bibliográficas

MENDES, Murilo. *Poesia e prosa completa*. Luciana Stegagno Picchio (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles e MATTOS, Claudia Valladão de. *O Brado do Ipiranga*. São Paulo: Edusp, 1999.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. “O Museu Paulista da USP e a memória da Independência”. *Cadernos CEDES*, Dec. 2002, vol.22, n. 58, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n58/v22n58a05.pdf>. Acesso: 24 abril 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.